

## Considerações sobre o destinatário dos editoriais da *Folha de S.Paulo* e do *El País*: em pauta a imagem do leitor de jornal *on-line*\*

### Considerations on the addressee of *Folha de S.Paulo* and *El País* editorials: the image of the online newspaper reader in focus

Heloisa Mara Mendes<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

[hlsmds@ufu.br](mailto:hlsmds@ufu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4893-7893>

Marina Célia Mendonça<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

[marina.mendonca@unesp.br](mailto:marina.mendonca@unesp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-5712-2346>

**Resumo:** Neste trabalho, analisamos, a partir de escritos de Bakhtin e seu Círculo, editoriais *on-line* em língua portuguesa e espanhola publicados pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *El País* durante o mês de fevereiro de 2020. Ao contrastar as produções de um mesmo gênero do discurso em comunidades etnolinguísticas diferentes, tencionamos ampliar a compreensão do próprio gênero, do funcionamento do campo em que está inserido e de como o destinatário é representado, levando em consideração as especificidades da produção, circulação e recepção dos enunciados em meio digital. Nossa análise evidencia um período de transição no campo jornalístico. Nos jornais comparados, os editoriais materializam contradições entre diferentes práticas de leitura e tentam assimilar, cada um à sua maneira, a heterogeneidade do público leitor presumido.

**Palavras-chave:** jornalismo *on-line*; editorial; destinatário.

---

1 O presente trabalho é resultado de um projeto de pós-doutorado desenvolvido no Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *Campus* de Araraquara.

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – *Campus* de Araraquara.

**Abstract:** Drawing from the writings of Bakhtin and his Circle, in this paper we analyze on-line editorials published in Portuguese and in Spanish by the newspapers *Folha de S.Paulo* and *El País*, during February 2020. By comparing productions of the same speech genre in different ethnolinguistic communities, we intend to broaden the understanding of the genre itself, of the functioning of the field in which it is inserted and of the way de addressee is represented, taking into account the specificities of the production, circulation and reception of utterances in digital media. Our analysis reveals a transition period in the journalistic field. In the newspapers compared, the editorials manifest the contradictions between different reading practices and try to incorporate, each one in its own way, the heterogeneity of the presumed reader.

**Keywords:** online journalism; editorial; addressee.

## Introdução

Apoiando-nos em conceitos e procedimentos metodológicos propostos por Bakhtin e seu Círculo, procuramos, neste trabalho, relacionar as manifestações de um mesmo gênero do discurso, o editorial, em dois jornais *on-line* pertencentes a comunidades etnolinguísticas diferentes, Brasil e Espanha.

Se, por um lado, visamos contribuir com uma discussão que coloque em causa uma ideia universalizante dos gêneros do discurso, por outro lado, pretendemos que o encontro dialógico estabelecido, aqui, entre uma comunidade de língua portuguesa e outra de língua espanhola, ofereça uma compreensão, talvez, mais ampla dos discursos jornalísticos contrastados, por revelar sentidos que, possivelmente, ficariam inacessíveis frente à análise de enunciados de apenas uma comunidade. Entre esses sentidos, destacamos os relacionados à imagem do leitor de jornal *on-line*, a seus modos de leitura e ao papel do campo jornalístico em sua formação.

Nosso artigo está organizado em três seções. Na primeira, discorremos sobre os fundamentos teórico-metodológicos que nortearão a análise. Na segunda, tecemos apontamentos sobre o jornalismo *on-line* a partir de referências do próprio campo. Na terceira, apresentamos nossa interpretação do *corpus* com ênfase nas especificidades do destinatário de editoriais publicados pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *El País*, em seus respectivos *sites*, durante o mês de fevereiro de 2020.

## Referencial teórico-metodológico

O trabalho que desenvolvemos aqui fundamenta-se em três princípios advindos dos escritos de Bakhtin e seu Círculo. O primeiro diz respeito à natureza concreta e singular do enunciado (Bakhtin, 20016a); o segundo remete ao fato de que a situação social e os participantes determinam a forma e o estilo da enunciação (Volóchinov, 2017); e o terceiro sustenta-se no significado particularmente importante dos gêneros, visto que “ao longo de séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo” (Bakhtin, 2011a, p. 364).

A consideração da natureza concreta e singular do enunciado inviabiliza uma abordagem indiferente às peculiaridades do tipo de enunciado recortado para análise, neste caso, um gênero do discurso que, por sua vez, está relacionado ao campo jornalístico. De acordo com Bakhtin (2016a, p. 16-17), o conhecimento da natureza dos enunciados e, por conseguinte, dos gêneros visa preservar as relações da língua com a vida, posto que “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Com relação ao papel determinante da situação social na forma dos enunciados, Volóchinov (2017) associa-o à onipresença da palavra, à sua participação em toda interação e em todo contato entre as pessoas, o que faz com que ela esteja intimamente ligada às condições de determinado meio social e seja absolutamente sensível a todas as oscilações inerentes a ele. Quanto ao papel dos participantes, estabelece:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem é* esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado (Volóchinov, 2018, p. 204-205, destaque do autor).

Bakhtin (2016a, 2016b) compartilha com Volóchinov (2018, 2019a, 2019b) a compreensão de que o papel do interlocutor não é passivo. Para eles, a construção de todo e qualquer enunciado considera o papel do outro, ou seja, do destinatário, e é influenciada pela antecipação de sua atitude responsiva.

O *endereçamento* ou o *direcionamento* a alguém é um traço essencial do enunciado. As modalidades e concepções do destinatário são definidas pelo campo da atividade humana a que o

enunciado se refere e podem abranger, a título de exemplificação, desde um interlocutor direto no diálogo cotidiano, um grupo de especialistas, os seguidores, os adversários, determinado público-alvo, até um superior, um estranho ou um outro completamente indefinido, tal como suposto em uma série de enunciados monológicos de tipo emocional. Sobre essa questão, de especial relevância para nosso trabalho, Bakhtin (2016a, p. 63) afirma:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado.

Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero.

Por fim, o fato de que os gêneros do discurso, no grande tempo, acumulam perspectivas e se apropriam de determinados aspectos do mundo torna-os uma categoria de análise segura quando se pretende desvelar nuances de sentido entre comunidades etnolinguísticas diferentes. O ponto de partida para uma análise comparativa pressupõe, portanto, considerar que a analogia entre o funcionamento dos campos da comunicação humana e os gêneros discursivos compartilhados por essas comunidades não é absoluta.<sup>3</sup>

Sendo assim, pretendemos que nossa interpretação do gênero editorial, tal como produzido por um jornal de referência brasileiro e outro espanhol, contrarie a propensão ao silenciamento das idiosincrasias socioculturais, históricas e discursivas, observada por Fanjul (2012) em estudos que se propõem a abordar problemáticas relacionadas a gêneros do discurso em língua espanhola realizados no Brasil.

A opção pelo recorte de um *corpus* intercultural também está amparada em Bakhtin (2011a, p. 366, destaque do autor), para quem:

No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura. Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades de

---

<sup>3</sup> A análise comparativa que desenvolvemos aqui, em alguma medida, aproxima-se do trabalho realizado por pesquisadores dos grupos CLESTHIA – *axe sens et discours* (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3) e Diálogo (Universidade de São Paulo), entre os quais, destacamos Von Münchow (2004), Grillo (2020) e o número da revista Linha D'Água (2018) que reúne artigos com análises comparativas de discursos em duas ou mais línguas/culturas.

sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente.

Quanto à metodologia, adotamos o cotejamento de textos. De acordo com Bakhtin (2011b) e Geraldi (2012), a contextualização do enunciado é uma indicação metodológica essencial para os estudos bakhtinianos, porque todo enunciado reflete uma realidade extraverbal. Encontrar os elementos não ditos, mas que estão presentes no horizonte comum dos interlocutores é uma forma de dar sentido ao enunciado:

Dar contextos a um texto é **cotejá-lo com outros textos**, recuperando parcialmente a cadeia de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. Bakhtin nos dá dois grandes exemplos de trabalho de interpretação analítica: seus estudos das obras de Dostoievski e de Rabelais. Ao ir cotejando os textos com outros textos vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo de outros campos) com que se aprofunda a penetração da obra em estudo (Geraldi, 2012, p. 33, destaque do autor).

A interpretação construída a partir do cotejamento dos textos não pode ser generalizada. Ela permanece particular, porque se constrói a partir da adição contínua de elementos, de forma que os sentidos e as relações com outros enunciados que estiveram presentes ou não no processo de produção do(s) discurso(s) analisado(s) são inesgotáveis. A verdade construída dessa maneira pode ser uma em determinado momento e outra em momento posterior, em que novos elementos são acrescentados na formulação de uma nova interpretação. O caráter transitório do exercício interpretativo se intensifica ainda mais na análise de objetos digitais que são, eles mesmos, aparentemente mais suscetíveis a alterações, dada a facilidade de produção e disponibilização de informação proporcionada pelo *medium*.

### **Apontamentos sobre o jornalismo *on-line***

Neste trabalho, o jornalismo *on-line* será tomado como uma prática do campo jornalístico que não se confunde com a transposição das edições impressas dos jornais para o formato eletrônico. Tampouco será considerado uma forma radicalmente nova de jornalismo. Trata-se do jornalismo produzido especificamente na e para a internet. A vasta nomenclatura atribuída a essa prática – jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo e webjornalismo – relaciona-se com o suporte técnico e o meio de difusão, tal como se dá com os termos telejornalismo, radiojornalismo e

jornalismo impresso utilizados para designar o exercício profissional desenvolvido para a televisão, a rádio e o jornal, respectivamente.

De acordo com Serra (2003), assim como se deu na passagem do jornal para a rádio e desta para a televisão, não houve a invenção de novas formas de jornalismo na passagem para a *web*, mas a adaptação do que se fazia aos novos meios.<sup>4</sup> Argumento semelhante é defendido por Palacios (2003), para quem as características do jornalismo *on-line*, em sua maioria, podem ser vistas como continuidades e potencializações e não, necessariamente, como rupturas em relação ao jornalismo praticado para outros suportes.

A presença dos meios de comunicação na rede, datada do início dos anos 1990, limitou-se, durante algum tempo, à transferência de partes de grandes jornais para a internet. O conteúdo era atualizado a cada vinte e quatro horas em uma dinâmica semelhante à do fechamento das edições impressas. Nesse contexto, um estudo realizado por Nielsen e Morkes (1997 como citado em Canavilhas, 2003) revelou que mais de 70% das pessoas que navegavam na *web* não liam as notícias palavra por palavra, mas limitavam-se ao *scanning*, estratégia de leitura que consiste em visualizar rapidamente o texto em busca de informações específicas. Esse dado levou os pesquisadores a propor a produção de textos jornalísticos que, supostamente, favoreceriam esse modo de leitura. Para tanto, seria necessário destacar palavras-chave, utilizar subtítulos, exprimir uma ideia por parágrafo, ser conciso e usar listas sempre que a informação a ser noticiada o permitisse.

Em uma segunda fase, em que ainda prevaleciam as transposições do impresso para a *web*, segundo Palacios et al. (2002), começam a surgir seções chamadas de “Plantão” ou “Últimas notícias”, para abrigar o relato de fatos que ocorriam no período entre as edições. É nesse momento também que o *e-mail* começa a ser utilizado para possibilitar a comunicação entre jornalistas e leitores, e o processo de elaboração de notícias passa a explorar, ainda que de forma limitada, os recursos oferecidos pelo hipertexto.

Transcorridos cerca de vinte e cinco anos de prática jornalística *on-line*, ao menos seis características parecem ter sido fixadas, o que não significa que estivessem completamente ausentes no jornalismo praticado em outros meios ou que estejam absolutamente presentes nas práticas digitais. É Palacios (2003) quem as enumera: multimedialidade, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade.

---

<sup>4</sup> A concepção canônica da atividade jornalística permanece sendo aquela segundo a qual sua função essencial é “informar”. Na perspectiva de Serra (2003), dessa função decorrem duas consequências: a consideração da notícia como aquilo que um jornal tem de mais importante e a imprescindibilidade de que o interesse de informar não se subordine a outros tipos de interesse (econômicos, políticos, ideológicos). No campo jornalístico, a primazia concedida à notícia é determinante também da necessidade de que os conteúdos informativo e opinativo sejam distinguidos com clareza.

A multimídia refere-se à convergência de formatos (textuais, visuais, sonoros) possibilitada pelo processo de digitalização, o que resulta em um contexto de agregação e complementaridade.

A interatividade designa o conjunto de relações que o leitor estabelece com: i) a máquina, um computador ou outro dispositivo móvel conectado à internet; ii) a própria publicação, por meio da navegação pelo hipertexto; e iii) outras pessoas, seja pela troca de *e-mails* com jornalistas e/ou da disponibilização de comentários.

A hipertextualidade, por sua vez, torna possível a interconexão entre textos por meio de *links*. A palavra textos é empregada, aqui, em sentido amplo, visto que as ligações podem se dar com galerias de imagens, arquivos de áudio e vídeo, material de arquivo dos jornais, outros *sites* relacionados ao assunto e/ou outros textos jornalísticos).

A personalização, também chamada de individualização e de customização do conteúdo, consiste em oferecer, ao leitor, a opção de configurar os produtos de acordo com seus interesses. Alguns *sites* jornalísticos permitem a pré-seleção de assuntos, sua hierarquização e a escolha do formato de apresentação da página.

A memória abarca o acúmulo e a disponibilidade de informações. É mais viável técnica e economicamente na internet do que em outras mídias e pode ser acessada tanto pelo produtor de informação quanto pelo usuário sem as limitações de tempo e espaço comuns a suportes como o impresso, o rádio, a TV e o CD-ROM.

Por fim, a instantaneidade remete à velocidade do acesso combinada com a facilidade de produção e disponibilização de informação, o que torna a atualização dos conteúdos extremamente ágil e contínua.

A respeito dessas características, Palacios (2003, p. 76) afirma que elas “não se traduzem, necessariamente, em aspectos explorados pelos *sites* jornalísticos, quer por razões técnicas, de conveniência, adequação à natureza do produto oferecido ou ainda por questões de aceitação do mercado consumidor”. Trata-se, portanto, de potenciais que podem ser utilizados, em maior ou menor escala, e de formas diversas.

No *corpus*, como procuraremos mostrar, a hipertextualidade será diferentemente explorada nos editoriais da *Folha de S.Paulo* e do *El País*. Desse fato, decorrem sentidos completamente diversos para a relação estabelecida entre os jornais e seus destinatários. Além disso, a presença e/ou a ausência de *links*, elementos da estrutura composicional e do estilo dos enunciados, definem modos de leitura igualmente diversos.

*Grosso modo*, a hipertextualidade promove certa ruptura com a prática de leitura linear consolidada pelo impresso, por permitir que o leitor salte de um texto a outro, explore-os de forma

pessoal, conduza o próprio percurso de leitura. Na perspectiva de Serra (2003, p. 41), a navegação hipertextual

transforma uma informação que, à partida, se dirige a uma audiência potencialmente universal – toda informação para todos –, em informação que é recebida e apropriada de forma individualizada. O que implica, também, esquecer a necessidade de segmentação das audiências, da produção de uma informação  $x$  para uma audiência  $y$ , na medida em que essa segmentação é, pela própria natureza do *medium*, automaticamente transferida do momento da produção para o momento da recepção; ou seja, agora é o *medium*, e o tipo de recepção que ele permite, que é segmentador, não a informação propriamente dita.

Contudo, a partir do referencial teórico-metodológico adotado, não é possível supor, como a afirmação de Serra (2003) sugere, que haja um destinatário universal. Toda palavra é socialmente orientada, pressupõe um representante, real ou imaginário, de determinado grupo social. Além disso, embora reconheçamos o potencial do *medium* e da recepção individualizada que ele proporciona como potenciais segmentadores de informação, não podemos desconsiderar o fato de que, ao recorrer à hipertextualidade, entre outras escolhas composicionais e estilísticas, o autor de um texto jornalístico antecipa uma compreensão ativa responsiva do leitor. É para esse leitor que determinados elos e não outros são produzidos.

No interior dos estudos bakhtinianos, as transformações históricas e culturais ocorridas em um campo da comunicação humana afetam o projeto de dizer dos integrantes desse campo e, conseqüentemente, os gêneros do discurso mobilizados nas interações discursivas. Assim, as transformações no campo jornalístico motivadas por inovações tecnológicas não só imprimem sua marca nos gêneros, mas na imagem do destinatário pressuposta na enunciação. Esperamos que nosso trabalho possa elucidar as idiosincrasias de um gênero jornalístico *on-line*, o editorial, tendo como foco seu endereçamento em duas comunidades etnolinguísticas diferentes.

### **O destinatário dos editoriais da *Folha de S.Paulo* e do *El País***

O editorial é um gênero do discurso por meio do qual uma empresa jornalística expressa sua opinião a partir de acontecimentos da atualidade que considera mais marcantes, repletos de conseqüências e/ou de interesse inequívoco para os leitores, comentando-os, analisando-os, criticando-os. É esta característica que diferencia o editorial dos demais gêneros opinativos: ele exprime os valores defendidos pelo jornal como um todo. Para Gradim (2000, p. 85):

O editorial saberá tomar o pulso da opinião já formada, contradizê-la se for caso disso; mas ainda aperceber-se da opinião que se está formando, do clima cultural e expectativas que o seu público vive, e aí, nesse caldo de ideias ainda em formação, intervir com lucidez, inteligência e rigor.

Nos sites dos jornais *Folha de S.Paulo* (<https://www.folha.uol.com.br>) e *El País* (<https://elpais.com>), os enunciados recortados para análise – editoriais *on-line* publicados durante o mês de fevereiro de 2020 – atendem à função social definida para o gênero; são relativamente curtos – têm entre 400 e 500 palavras; e apresentam uma construção bastante parecida: o título e o subtítulo são antecedidos por um antetítulo; uma grande fotografia é entreposta entre esses elementos e os parágrafos que constituem o texto. Entretanto, uma análise mais detalhada dos enunciados – centrada, em nosso caso, na estrutura composicional e no estilo – revela nuances de sentido completamente diferentes no diálogo estabelecido entre cada jornal e o leitor presumido. São essas nuances que procuraremos destacar. Para tanto, partiremos da apresentação integral dos enunciados em tela (vide Anexos), à qual tivemos acesso utilizando um computador pessoal.

A começar pelo antetítulo, enquanto a *Folha* identifica os enunciados por meio da oração *O* que a *Folha* pensa, o *El País* opta pelo nome do gênero discursivo, *Editorial*. A escolha dessas formas, por si só, pode ser considerada um ato avaliativo socialmente orientado.

No primeiro caso, a ausência da palavra editorial indicia o diálogo com um leitor presumido que parece ter pouca familiaridade com os gêneros jornalísticos. A esse leitor, o jornal brasileiro apresenta enunciados por meio dos quais pode-se conhecer seu ponto de vista sem, contudo, relacioná-los à nomenclatura normalmente empregada no campo para o gênero do discurso.

No segundo caso, o indício de diálogo com um leitor presumido pouco familiarizado com os gêneros jornalísticos, talvez, seja mais sutil, visto que, ao lado do antetítulo, há um botão cujo acionamento revela a informação de que se trata de um gênero de responsabilidade do diretor que expressa a opinião do jornal sobre assuntos atuais nacionais ou internacionais. Embora o jornal espanhol preveja, por meio do botão de informação, um público leitor para o qual é necessário explicar do que se trata o gênero discursivo, ele também dialoga com um leitor que supostamente conhece a nomenclatura empregada no campo, visto que a explicação é feita de forma muito discreta e depende da ação do usuário durante a navegação.

Quanto aos títulos e subtítulos, em ambos os jornais, um título conciso, formado, na maior parte das vezes, por um sintagma nominal, é seguido por um subtítulo que antecipa a opinião do jornal.<sup>5</sup> Sobre os títulos, Gradim (2000, p. 68-69) afirma que eles

[...] anunciam o texto jornalístico que encabeçam, e são aquilo que em primeiro lugar o leitor apreende quando se debruça sobre as páginas de um jornal. O leitor típico vai viajando de título em título até encontrar algo que lhe prenda definitivamente a atenção, ou corresponda aos seus interesses quotidianos: aí detém-se, prosseguindo a leitura da notícia.

Se considerados isoladamente, os títulos dos editoriais da *Folha* (“Ducha fria”, “Ação entre amigos”, “Vista grossa”, “Terra de ninguém”, “Sem tempo a perder”, “Insuflando ânimos” e “Menos escorchante”, por exemplo), em sua maioria, não facilitam a predição do tema pelo leitor. Esse aspecto do estilo do jornal pode ser considerado um atrativo para a leitura, dado seu efeito “surpresa”. Por meio desses títulos, o jornal parece dialogar com um leitor “típico” supostamente mais exigente, bem formado e interessado pelo gênero discursivo. Esse leitor, ao que parece, deter-se-ia nos editoriais para conhecer a opinião do jornal, independentemente de poder antecipar o assunto a partir do título do texto.

Os títulos dos editoriais do *El País* oscilam entre aqueles que são mais ou menos imediatamente informativos. “Memorial en Madrid” e “Cumplir su función” são exemplares dos dois processos.<sup>6</sup> Diferentemente do que ocorre nos títulos criados pelo jornal brasileiro, em que as escolhas lexicais, em certa medida, permitem antecipar uma interpretação, um juízo de valor, os títulos empregados pelo jornal espanhol raramente permitem entrever certa avaliação, para empregar o conceito desenvolvido por Volóchinov (2019a). Se, por um lado, o *El País* parece dialogar com um leitor presumido talvez menos preparado, que precisa ser orientado, por meio do título, em relação ao assunto, por outro lado, a ausência de indícios de apreciação nos títulos parece expor o diálogo com um leitor que não prescindirá da leitura do enunciado na íntegra, visto que parece ser de seu conhecimento que a opinião do jornal estará condensada na conclusão.

A presença de subtítulos parece responder a modos de leitura pressupostos a partir do desenvolvimento do jornalismo *on-line* e a uma tentativa de aproximar o editorial do grande público. Como apontamos anteriormente, Nielsen e Morkes (1997 como citado em Canavilhas, 2003) sugerem sua inclusão nas notícias *on-line*. Antes disso, Viggiano (1970 como citado em Melo, 2003) já indicava

---

<sup>5</sup> Na primeira página dos *sites*, uma apresentação resumida dos enunciados – constituída por antetítulo, título e subtítulo (e, no caso espanhol, às vezes, uma fotografia em miniatura) – coloca em cena o diálogo com um leitor considerado com pouca disponibilidade de tempo para ler, visto que ele pode ater-se tão somente a esses elementos, formar uma ideia bastante geral sobre a opinião da empresa jornalística e não chegar a abrir a página do editorial.

<sup>6</sup> Em português, “Memorial em Madri” e “Cumprir sua função”, respectivamente.

a ausência de subtítulos como uma das causas do desinteresse dos leitores brasileiros pelo editorial, por considerarem-no muito intelectualizado.

Com relação à fotografia, uma marca da adesão de ambos os jornais à multimedialidade e um ato avaliativo orientado a um leitor presumido afeito à linguagem verbo-visual, sua finalidade é ilustrativa. Entretanto, enquanto os editoriais da *Folha* são ilustrados por uma imagem em preto e branco, os editoriais do *El País*, diferentemente, são ilustrados por uma imagem colorida (vide Anexos).

A fotografia em preto e branco, recurso amplamente empregado no campo jornalístico quando a impressão em cores era bastante restrita, situação totalmente superada pelo jornalismo *on-line*, cria uma realidade diferente da concebida pelas fotografias coloridas, impõe um caráter atemporal e elegante ao que é registrado desse modo. Por meio dela, a *Folha* parece reiterar seu traço mais conservador, o que conflita com outros aspectos da estrutura composicional de seus enunciados que discutiremos na sequência.

Em contrapartida, a fotografia colorida, nos editoriais do *El País*, parece representar uma espécie de pausa para o ciberleitor e, ao mesmo tempo, aproximar a opinião do jornal da situação extralinguística, visto que, na vida, tudo é colorido. Em comparação com a *Folha*, com a ilustração dos editoriais em cores, o *El País* procura transmitir uma imagem mais moderna de si.

Inúmeros parágrafos curtos constituem os enunciados da *Folha*. Embora a brevidade possa sugerir uma estratégia supostamente adotada pelo leitor *on-line* para tornar a leitura mais dinâmica, como aventam Nielsen e Morkes (1997 como citado em Canavilhas, 2003) ao proporem a expressão de uma ideia por parágrafo, no jornal brasileiro, ela parece prejudicar a construção argumentativa do texto. A fragmentação excessiva (os textos apresentam entre nove e treze parágrafos) acarreta a diluição da introdução, do desenvolvimento e da conclusão em vários parágrafos, o que, em alguma medida, dificulta a adoção de estratégias que poderiam tornar a leitura dos editoriais mais rápida pela construção de hipóteses sobre as partes construtivas da composição do enunciado. Ao que tudo indica, essa divisão expõe o diálogo com um leitor presumido acostumado com *tweets* (*posts* com poucos caracteres utilizados em uma conhecida rede social). Na comparação com a estrutura composicional dos editoriais do *El País*, esse leitor talvez seja visto como incapaz de enfrentar uma massa textual mais robusta. A seguir, apresentamos a análise de um editorial da *Folha* e outro do *El País* como forma de comprovar nossa leitura.

Em “Ducha fria”, editorial de 2 de fevereiro de 2020 sobre os efeitos econômicos do coronavírus, a introdução, parte do enunciado em que normalmente o assunto é apresentado, estende-se pelos dois primeiros parágrafos que compõem o texto. Ao inserir um *link* para “Ritmo de novas infecções por coronavírus é alarmante, dizem autoridades”, reportagem publicada originalmente pelo *The New York Times*, ao mesmo tempo em que talvez pressuponha uma lacuna de informação por parte do leitor presumido, o jornal se exime de sequências textuais introdutórias mais abertamente

informativas. A notícia de que o ritmo de infecções na China é alarmante, no editorial, é parafraseada por agravamento do surto envolvendo o coronavírus, tendo o país asiático como epicentro.

A opção do leitor pelo acionamento do *link* para a notícia durante a leitura do primeiro parágrafo, por si só, provocaria uma ruptura na leitura do editorial, dada a substituição de um texto por outro na mesma janela.

Os mercados financeiros globais foram abalados nesta semana pelo [agravamento do surto envolvendo o coronavírus](#). Seu epicentro é a China, segunda maior economia do mundo e principal fonte de produtos baratos do planeta.

Como ocorre nesses momentos, fundos e grandes especuladores internacionais aproveitaram-se das fortes oscilações nos preços dos ativos para maximizar ganhos e realizar lucros, o que derrubou as principais bolsas de valores (Folha de S.Paulo, 2020a).

Um primeiro posicionamento é apresentado no terceiro parágrafo e consiste na dificuldade de se analisarem os efeitos da enfermidade. Os parágrafos subsequentes, por sua vez, apresentam exemplos de impactos econômicos em vários segmentos do mercado chinês.

Ao longo da semana, as oscilações acompanharam em parte o noticiário. *Ainda é difícil, contudo, enxergar com clareza os verdadeiros impactos do surto da doença.* A partir da China, os casos já se espalharam para cerca de 25 países.

Várias companhias internacionais, de grupos de aviação a montadoras, passando por empresas de tecnologia e de bens de consumo, anunciaram fortes restrições em suas operações na China.

Segundo [uma estimativa](#), mais de 60% do PIB chinês é gerado nas 12 províncias com o maior número de contágios. Cidades estão bloqueadas e há restrição à circulação de pessoas, o que paralisou muitas fábricas. Já se especula que o surto poderá subtrair um ponto do crescimento chinês neste ano (Folha de S.Paulo, 2020a, destaque nosso).

Um segundo posicionamento é explicitado no sexto parágrafo: “As autoridades do país, porém, não devem ficar paradas, e fortes medidas de estímulo são aguardadas” (Folha de S.Paulo, 2020a). Introduzido pelo operador argumentativo *porém*, esse posicionamento é motivado pelos impactos negativos na economia mencionados anteriormente. A afirmação de que as autoridades chinesas devem intervir com medidas de estímulo permite construir uma expectativa de que a opinião do jornal recairá sobre as condutas do governo chinês para minimizar os efeitos da crise econômica causada pelo coronavírus. No entanto, há uma brusca mudança na direção argumentativa do texto que passa a tratar

de um acordo comercial entre Estados Unidos e China e das relações do Brasil no mercado internacional (vide Anexo).

A expectativa do leitor em relação à opinião do jornal, construída na/pela enunciação, é frustrada, visto que a conclusão do editorial não se centra nas medidas das autoridades chinesas, como o sexto parágrafo indica, mas na participação reduzida do Brasil na economia global e sua possível “imunidade” a impactos externos. Essa ruptura na estrutura argumentativa, a nosso ver, pode ser considerada um indício de que, para o jornal brasileiro, o leitor presumido não chega ao final do texto. A mesma posição acerca da atitude responsiva do leitor também favorece a produção de enunciados que se desenvolvem não em torno de uma tese, mas de vários posicionamentos expostos ao longo do texto.

Além disso, o leitor presumido que se deixa seduzir por parágrafos curtos e um texto visualmente estimulante é também aquele para o qual a *Folha* supõe que seja necessário qualificar a China como “segunda maior economia do mundo e principal fonte de produtos baratos do planeta” (Folha de S.Paulo, 2020a), uma qualificação pouco informativa ancorada no senso comum.

Ao leitor dos editoriais do *El País*, são apresentados, em média, quatro densos parágrafos rigorosamente estruturados. A introdução, sequência textual predominantemente de tipo informativo, fica restrita ao primeiro parágrafo. E a conclusão, parte do texto em que a opinião da empresa jornalística é mais claramente explicitada, concentra-se, quase sempre, no último parágrafo. Os parágrafos intermediários, geralmente, são reservados à análise/interpretação de determinado acontecimento. Essa forma de construção dos enunciados favorece a adoção de uma estratégia de leitura análoga à adotada diante de uma notícia que consiste em ler apenas o *lead*. O leitor presumido pelo *El País* pode ater-se ao primeiro e ao último parágrafos do editorial, o que lhe garantiria conhecer um resumo da notícia destacada pelo jornal e sua opinião sobre ela.

Para efeito de comparação, reproduzimos o parágrafo introdutório de “Memorial en Madrid”, editorial de 28 de fevereiro de 2020 sobre uma decisão do governo municipal:

El Ayuntamiento de Madrid, gobernado por el PP y Ciudadanos con el apoyo externo de Vox, ha decidido no incorporar unos versos del poeta Miguel Hernández al memorial del cementerio de la Almudena concebido para honrar a las víctimas de la Guerra Civil y el franquismo. Con este veto, el alcalde, José Luis Martínez-Almeida, y sus socios dan una nueva muestra de ignorancia respecto a la historia y la cultura de este país. Consiguen con ello hurtar a los familiares de las víctimas el justo reconocimiento y, al tiempo, profundizar en la estrategia de confrontación ideológica (El País, 2020).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A Câmara Municipal de Madri, governada pelo PP e Ciudadanos com o apoio externo do Vox, decidiu não incluir alguns versos do poeta Miguel Hernández no memorial do cemitério da Almudena, concebido para homenagear as vítimas da

No início do parágrafo, explicita-se o acontecimento que serviu de mote para a produção do editorial – a decisão da Câmara Municipal madrilenha de vetar versos de Miguel Hernández, poeta condenado por defender ideais republicanos durante a Guerra Civil espanhola, em um monumento concebido para homenagear vítimas do franquismo – e defende-se que o veto é uma nova demonstração do desconhecimento do governo municipal em relação à história e à cultura do país.

O leitor presumido que não se intimida com a densidade dos parágrafos é também aquele para o qual o *El País* explicita a aliança partidária que compõe a maioria dos votos do órgão legislativo: “El Ayuntamiento de Madrid, gobernado por el PP y Ciudadanos con el apoyo externo de Vox, ha decidido [...]” (El País, 2020). Por meio da oração intercalada explicativa, o editorialista associa a Câmara Municipal, formada por partidos de centro-direita, a um partido de extrema direita. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o órgão governamental é simbolicamente deslocado para um espectro político mais radical, se estabelece um contraste com a posição político-ideológica daqueles que, sendo críticos do regime franquista, pretendem homenagear suas vítimas. Trata-se de uma estratégia argumentativa que visa justificar a decisão tomada por um governo que, na avaliação do jornal, alinha-se a ideais fascistas e antidemocráticos.

É possível, ainda, que esse leitor, assim como o jornal, não seja favorável à aproximação entre o partido ultradireitista Vox e os partidos de centro-direita mencionados. Nossa interpretação baseia-se, principalmente, na adjetivação de *apoyo* (apoio) como *externo* e na retomada da aliança política pelo nome do prefeito seguido de *y sus socios* (e seus sócios), em que o substantivo *socios* parece uma escolha lexical pouco usual em relação ao âmbito político-partidário, a menos que se queira, em alguma medida, aventar a existência de relações escusas entre os filiados.

Sem frustrar a expectativa do leitor presumido que, dada a estrutura composicional do gênero no *El País*, anseia pela ênfase na opinião, o parágrafo conclusivo retoma a introdução, por meio do marcador discursivo “Con su decisión [...]” (Com sua decisão), reproduz alguns versos de Miguel Hernández e destila a crítica do jornal, esboçada na introdução, de forma ainda mais contundente: “Sobra mezquindad” (Sobra mesquinhez). Assim, o jornal transcende a dimensão político-partidária e fundamenta sua opinião em valores éticos.

Considerando o conjunto de enunciados recortados para análise, pode-se afirmar, ainda, que o leitor presumido pelo *El País* não se restringe aos residentes no território espanhol, como o tema do editorial analisado pode sugerir. Nossa leitura é respaldada pela relação entre as seções do jornal. Dos cinquenta e cinco editoriais publicados em fevereiro de 2020, trinta e um versam sobre notícias veiculadas na seção Internacional. Desse total, quinze são atinentes ao continente europeu e dez, ao

---

Guerra Civil e do franquismo. Com esse veto, o prefeito, José Luis Martínez-Almeida, e seus sócios dão uma nova demonstração de ignorância da história e da cultura deste país. Conseguem, com isso, furtar dos familiares das vítimas o justo reconhecimento e, ao mesmo tempo, aprofundar na estratégia de confrontação ideológica (tradução nossa).

americano. Esses dados são reveladores do diálogo entre o jornal e dois tipos de leitor presumido: um que se interessa por acontecimentos exteriores a seu país de origem e cuja identidade é marcadamente transnacional, assim como a identidade reivindicada pelo próprio jornal, sobretudo, em seu *slogan*, *El periódico global* (O jornal global);<sup>8</sup> e outro que, residindo nos demais países da Comunidade Europeia, em países da América Latina e nos Estados Unidos, almeja encontrar acontecimentos de sua realidade interpretados pelo jornal.

Diferentemente, no jornal brasileiro, verificamos, em outro trabalho (Mendes; Mendonça, 2021), que, entre os cinquenta e oito enunciados pertencentes ao *corpus*, apenas oito remetem a notícias veiculadas na seção Mundo; dezoito editoriais estão relacionados à seção Cotidiano; dezessete editoriais dialogam com a seção Poder; e treze, com Economia. A seleção dos assuntos que merecem a opinião da *Folha*, por si só, supõe uma projeção da compreensão ativa responsiva do leitor, aparentemente, mais afeito a questões de ordem local.

Outro elemento que evidencia a diferença entre os destinatários pressupostos por cada jornal reside no emprego de *links*. Nos editoriais da *Folha*, a hipertextualidade está presente, nos editoriais do *El País*, não. Enquanto estes se mostram mais próximos da edição impressa, aqueles se apresentam como mais integrados ao *medium*. A presença/ausência de *links* no corpo dos enunciados, assim como os modos de distribuição dos parágrafos, baseia-se em pressuposições completamente diferentes sobre os percursos de leitura passíveis de serem adotados pelos destinatários.

Por meio de *links*, a *Folha* parece presumir um leitor que dispõe de pouca informação, como procuraremos demonstrar. Na introdução dos editoriais, os *links* são de dois tipos. O primeiro remete à notícia que serviu de mote à produção do editorial. Nos editoriais relacionados à seção Poder, para citar apenas um exemplo, os *links* são sempre desse tipo. Essa regularidade demonstra o fato de que, para o jornal, o leitor presumido talvez desconheça o noticiário político. O segundo tipo remete a textos jornalísticos curtos, fáceis de ler, predominantemente imagéticos, que dispõem de informações complementares para a compreensão do editorial.<sup>9</sup> Um exemplo é encontrado no editorial “Síria versus Turquia”, de 18 de fevereiro de 2020:

---

<sup>8</sup> Nos enunciados relacionados a assuntos de abrangência nacional, a comparação entre a Espanha e outros países europeus e/ou a alusão a estes, encontradas com certa frequência, também reforça o caráter transnacional dos participantes da interação discursiva.

<sup>9</sup> É certo que a presença dos *links* do primeiro tipo poderia receber outras leituras. Uma delas diz respeito à tentativa de garantir que o editorialista e, por extensão, o próprio jornal, sejam vistos como críveis, visto que é oferecida ao leitor a oportunidade de confirmar um fato noticiado. Outra leitura possível remeteria a uma lógica mercantilista. Em um contexto em que a popularidade dos veículos de comunicação em meio digital é medida pela quantidade de visitas às suas páginas, interessaria ao jornal manter o leitor navegando pelo *site* durante o maior tempo possível. Sendo assim, nossa interpretação a respeito dos *links* dispostos na introdução dos editoriais está ancorada na análise do conjunto formado pelos *links* dos dois tipos.

Depois dos massacres de civis, dos ataques com armas químicas, dos bombardeios de escolas e hospitais, das múltiplas levas de refugiados e da destruição de cidades históricas, a guerra da Síria continua produzindo tragédias.

O confronto das tropas do ditador Bashar Al-Assad, [apoiado por Rússia e Irã](#), com rebeldes aliados à Turquia na província de Idlib, último bastião resistente ao regime, resulta em [catástrofe humanitária](#) (Folha de S.Paulo, 2020b).

O acionamento do primeiro *link* provoca a exibição de “Entenda quem apoia quem na guerra na Síria, que envolve Turquia, Rússia e Estados Unidos” (Folha de S.Paulo, 2019), enunciado em que uma breve introdução é seguida por um gráfico sobre os aliados e os adversários de Bashar al Assad, breves descrições dos protagonistas e das organizações envolvidas e várias imagens que registram o cotidiano sírio marcado pelo conflito. O acionamento do segundo *link*, por sua vez, remete a “Ofensiva final de Assad sobre rebeldes e turcos gera desastre humanitário na Síria” (Gielow, 2020), reportagem acompanhada de duas galerias de fotos, um mapa da região em conflito, um vídeo e, ainda, o mesmo gráfico e as mesmas breves descrições apresentadas no texto referente ao primeiro *link*.

A reprodução do mesmo conteúdo a partir de dois *links* introdutórios não é um dado desprezível, mas reforça nossa interpretação de que, nos editoriais da *Folha*, parece predominar o diálogo com um leitor presumido ocasional, pouco familiarizado com a leitura e com os assuntos abordados. Corrobora essa leitura o fato de que o *Manual da redação* do jornal prescreve “didatismo” reiteradas vezes, por considerar que “seus leitores têm formações diferentes e distintos graus de familiaridade com os assuntos abordados. Textos, vídeos e infográficos devem ser apresentados de forma tal que o leigo os entenda e o especialista não os reprove” (Folha, 2018, p. 75). Sendo assim, uma suposta “aridez” da guerra civil síria para o leitor brasileiro favoreceria o excesso de didatismo que toma corpo no hipertexto.

Contraditoriamente, o leitor pouco informado, ao que parece, presumido pela *Folha* também é visto como capaz de passar de um texto a outro, explorar os enunciados de forma individualizada, construir o próprio percurso de leitura. Trata-se de um procedimento jornalístico mais aberto à multiplicidade dos modos de leitura, o que pode ser considerado bastante positivo no contexto de leitura *on-line*. No entanto, a apreensão da opinião do jornal não está garantida, visto que, ao acionar um *link*, a página do editorial é substituída pela nova página que, por sua vez, dispõe de outros *links*, o que pode oferecer uma experiência de navegação em espiral e distanciar o leitor do editorial. Ao optar pelo hipertexto, a *Folha*, em certa medida, privilegia os processos individuais (singulares) de leitura em detrimento da promoção de sua opinião.

A recusa ao hipertexto pelo *El País* indicia o diálogo com um leitor presumido cujo modo de leitura pode ser considerado quase “linear”, mais próximo daquele que se dá na leitura de edições impressas e orientado para o conhecimento do relato principal. Esse procedimento jornalístico parece

visar prender o leitor ao texto, padronizar os processos individuais (singulares) de leitura, o que evidencia certo autoritarismo não observado no jornal brasileiro. Além disso, pressupõe-se que o leitor talvez não tenha lacunas de conhecimento que devam ser sanadas pelo jornal e/ou que o enunciado seja suficientemente informativo.

Contudo, o jornal espanhol não prescinde totalmente de *links*. Em fevereiro de 2020, na maior parte dos enunciados do *corpus*, uma espécie de olho indicava *links* para editoriais anteriores sobre o mesmo tema. A nosso ver, essa forma de apresentação pode ser interpretada como uma evidência de que o leitor presumido informado e cuja compreensão ativa responsiva mantém-no na tela do enunciado durante a leitura é, também, alguém que valoriza e se interessa pela opinião da empresa jornalística.

As escolhas lexicais, outro aspecto do estilo, também revelam diferenças em relação ao endereçamento dos editoriais nos dois jornais.

Nos editoriais da *Folha*, por vezes, irrompem vocábulos muito formais, entre eles: “vitupério”, “sismo”, “solvência”, “atávico”, “soldos”, “transigir”, “carbonário”, “alcaide”, entre outros. São raros os enunciados em que se observa uma tentativa de retomar o vocábulo pouco usual por outro mais frequente. Em “Menos escorchante”, editorial de 29 de fevereiro de 2020 sobre redução dos juros do cheque especial em decorrência de limite imposto pelo Banco Central do Brasil, o adjetivo presente no título é retomado no corpo do texto: “Embora as taxas ainda se mostrem escorchantes, não deixa de ser um progresso a redução do custo de 247,6% ao ano, na média de dezembro de 2019, para 165,6% no mês passado” (Folha de S.Paulo, 2020c).

Essa estratégia de referenciação, a nosso ver, não favorece o leitor presumido com o qual o jornal brasileiro dialoga predominantemente, visto que, para atribuir sentido a “escorchante”, o leitor deverá considerar a redução nas médias percentuais apresentadas. O entendimento de que as taxas permanecem abusivas é dificultado, ainda, pelo período composto por subordinação. À oração subordinada concessiva (“Embora as taxas ainda se mostrem escorchantes”), segue a oração principal por meio da qual a posição do jornal em relação à redução do custo do cheque especial é apresentada como “um progresso”.

Se, por um lado, escolhas lexicais e estruturação sintática como as exemplificadas colocam em evidência o diálogo com um leitor presumido com um alto grau de instrução, por outro lado, uma análise do conjunto aponta certa oscilação do jornal em relação ao destinatário. Em “Menos escorchante”, essa oscilação se materializa, principalmente, na coocorrência do vocábulo excessivamente formal e da fotografia que ilustra o editorial.<sup>10</sup> Trata-se de um registro da fachada da sede do Banco Central, em Brasília (DF), empregado em outros três enunciados sobre a atuação da

---

<sup>10</sup> Vide a página <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/menos-escorchante.shtml>.

instituição financeira publicados no período apurado.<sup>11</sup> A recorrência da fotografia, a nosso ver, é reveladora do diálogo com um leitor presumido que considera alheia a atuação da autarquia federal. Ao fixar uma imagem da instituição em tantos enunciados, a *Folha*, mais uma vez, de forma “didática”, parece cooperar com um leitor menos preparado, formar uma memória.

Nos editoriais do *El País*, as escolhas lexicais são usuais, frequentes, compreensíveis. Elas convergem para a vocação global aspirada pelo jornal, indiciam o diálogo com um público leitor presumido oriundo de diferentes países e cuja língua materna pode ou não ser a espanhola ou uma de suas variedades. Com relação ao estilo da linguagem adotado, no *Libro de estilo*, prescreve-se que

O propósito ao redigir qualquer texto jornalístico (notícia) é comunicar fatos e ideias a um público heterogêneo. Portanto, o estilo de redação deve ser claro, conciso, preciso, fluido e facilmente compreensível, com a finalidade de captar o interesse do leitor (*El País*, p. 31, 2014, tradução nossa).<sup>12</sup>

Em “Memorial en Madrid”, editorial que selecionamos para fundamentar nossa análise, há três ocorrências de *consistorio*. De acordo com a Real Academia Española (2020), trata-se de um verbete proveniente do latim tardio *consistorium*, lugar de reunião, empregado em algumas cidades espanholas como sinônimo de *ayuntamiento* (câmara municipal). A ocorrência desse regionalismo nos três últimos parágrafos do texto, entretanto, não dificulta sua compreensão, visto que retoma expressões precedentes bastante usuais como, *gobierno municipal* (governo municipal), no subtítulo, e *ayuntamiento de Madrid* (câmara municipal de Madri), no primeiro parágrafo. A escolha lexical, longe de ser neutra, apresenta-se como um signo ideológico do pertencimento do jornal ao município. O *El País* critica uma decisão do governo de sua cidade sede para seus conterrâneos sem, no entanto, desconectar-se de leitores de outras regiões.

A heterogeneidade do público leitor *on-line* é uma realidade que transparece nos editoriais de ambos os jornais analisados. O fato de que o leitor possa chegar aos enunciados a partir da página inicial dos *sites*, da escolha deliberada pela seção Opinião/*Opinión*, mas também por outras vias, como as redes sociais ou os serviços de busca, valida a oscilação entre um destinatário presumido habitual e outro eventual. A aleatoriedade pressuposta pelo campo jornalístico em relação à recepção de seu conteúdo torna imprescindível o estabelecimento de pistas mais ou menos evidentes dos contextos de produção. Como procuramos explicitar ao longo de nossa análise, essas pistas delineiam, mais

---

<sup>11</sup>A fotografia da fachada da sede do Banco Central do Brasil também ilustra os editoriais “Zelar pela retomada”, de 8 de fevereiro de 2020, “Entulho monetário”, de 22 de fevereiro de 2020, e “Mandatos para o BC”, de 24 de fevereiro de 2020, em ângulo fechado no nome da instituição.

<sup>12</sup> El propósito al redactar cualquier texto periodístico (noticia) es comunicar hechos e ideas a un público heterogéneo. Por tanto, el estilo de redacción debe ser claro, conciso, preciso, fluido y fácilmente comprensible, a fin de captar el interés del lector.

frequentemente no jornal brasileiro do que no espanhol, uma imagem negativa do leitor de jornal *on-line*.

### **Considerações finais**

Nos editoriais *on-line*, a reunião de diferentes linguagens (sobretudo, a verbal e a imagética), o desenvolvimento de uma linguagem particular, baseada, principalmente, na potencialidade do hipertexto, e a diversidade de formas de acesso ao conteúdo jornalístico são de capital importância para a compreensão do diálogo estabelecido entre cada jornal e o leitor presumido. Enquanto a *Folha* parece produzir enunciados nos quais predomina o diálogo com um leitor supostamente desinformado e que precisa ser encorajado a enfrentar o texto, o *El País* parece dialogar, preferencialmente, com um leitor capaz de mobilizar estratégias típicas da prática de leitura de textos impressos extensos e com parágrafos longos.

Entre as causas para uma divergência tão acentuada entre as imagens do destinatário de cada jornal construídas na e pela enunciação, encontram-se, muito provavelmente, representações culturais sobre o papel dos destinatários da situação comunicativa em relação à leitura. A percepção de que determinadas práticas da leitura se fazem mais ou menos presentes em cada comunidade etnolinguística, certamente, interfere na compreensão ativa responsiva do destinatário que é antecipada pelos editorialistas no momento da produção dos enunciados. Cada um à sua maneira, os jornais *Folha de S.Paulo* e *El País* retroalimentam as imagens de leitor que circulam em suas comunidades. A esse respeito, são necessários mais estudos para aprofundamento da questão.

Além disso, ambos os jornais se mostram cindidos entre dois públicos muito heterogêneos: de um lado, o leitor “típico” de jornal impresso que migrou para a edição *on-line*; do outro lado, um leitor nativo digital que, provavelmente, nunca teve contato com a publicação em papel (ou teve contato mínimo). A contradição entre o “velho” e o “novo”, na *Folha*, se materializa sob a forma de um texto que não tem nada de tradicional e de escolhas lexicais que podem dificultar a leitura, além do recurso do preto e branco na foto que acompanha o texto verbal. No *El País*, em que pese a ilustração colorida anunciar certa modernidade, a ausência de hipertexto revela uma tentativa de controle dos modos de leitura passíveis de serem adotados pelos ciberleitores.

Por tudo isso, a análise que empreendemos evidencia um momento de transição no campo jornalístico. Em seus editoriais, os jornais comparados colocam em cena sua dificuldade para se adaptar a um tempo em que práticas de leitura supostamente muito diferentes convergem para o *on-line*.

## Referências

- BAKHTIN, M. 2011a. Os estudos literários hoje. In: M. BAKHTIN, *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, p. 359-366.
- BAKHTIN, M. 2011b. Metodologia das ciências humanas. In: M. BAKHTIN, *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, p. 393-410.
- BAKHTIN, M. 2016a. Os gêneros do discurso. In: M. BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*. São Paulo, Editora 34, p. 11-69. <https://doi.org/10.22456/2594-8962.70365>
- BAKHTIN, M. 2016b. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: M. BAKHTIN, *Os gêneros do discurso*. São Paulo, Editora 34, p. 71-107.
- CANAVILHAS, J. 2003. Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: A. FIDALGO; P. SERRA (org.), *Informação e comunicação online: jornalismo online*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, p. 63-73. Disponível em: [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo\\_serra\\_ico1\\_jornalismo\\_online.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf). Acesso em: 09/09/2020.
- FANJUL, A. P. 2012. Os gêneros “desgenerizados”. Discursos na pesquisa sobre o espanhol no Brasil. *Bakhtiniana*, 7(1):46-67. <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000100004>
- FOLHA DE S.PAULO. 2018. *Manual da redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país*. 21ª ed., São Paulo, PubliFolha, 486 p.
- FOLHA DE S.PAULO. 2019. Entenda quem apoia quem na guerra na Síria, que envolve Turquia, Rússia e EUA. Mundo. São Paulo, 10 out. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/entenda-quem-apoia-quem-na-guerra-na-siria-que-envolve-turquia-russia-e-eua.shtml>. Acesso em: 20/12/2020.
- FOLHA DE S.PAULO. 2020a. Ducha fria. Opinião. São Paulo, 2 fev. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/ducha-fria.shtml>. Acesso em: 21/12/2020.
- FOLHA DE S.PAULO. 2020b. Síria versus Turquia. Opinião. São Paulo, 18 fev. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/siria-versus-turquia.shtml>. Acesso em: 20/12/2020.
- FOLHA DE S.PAULO. 2020c. Menos escorchante. Opinião. São Paulo, 29 fev. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/menos-escorchante.shtml>. Acesso em: 28/12/2020.
- GIELOW, I. 2020. Ofensiva final de Assad sobre rebeldes e turcos gera desastre humanitário na Síria. Folha de S.Paulo. Mundo. São Paulo, 14 fev. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/ofensiva-final-de-assad-sobre-rebeldes-e-turcos-gera-desastre-humanitario-na-siria.shtml>. Acesso em: 22/12/2020.
- GRADIM, A. 2000. *Manual de jornalismo*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 203 p. Disponível em: [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim\\_anabela\\_manual\\_jornalismo.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf). Acesso em: 15/12/2020.

GRILLO, S. 2020. A linguística em manuais brasileiro e soviético. *Alfa: Revista de Linguística*, 64(1):1-30. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11752>

LINHA D'ÁGUA. 2018. *Linha d'água*, 31(3). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/issue/view/10834>. Acesso em: 18/08/2020.

MELO, J. M de. 2003. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed., Campos do Jordão, Mantiqueira, 238 p.

MENDES, H. M.; MENDONÇA, M. C. 2021. Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na Folha de S.Paulo. *Revista do GEL*, 18(1):101-128. <https://doi.org/10.21165/gel.v18i1.2979>

PAÍS, EL. 2014. *Libro de estilo*. 22ª ed., Madrid, Aguilar, 488 p.

PAÍS, EL. 2020. Memorial en Madrid. Opinión. Madrid, 28 feb. Disponível em: [https://elpais.com/elpais/2020/02/27/opinion/1582822903\\_014827.html](https://elpais.com/elpais/2020/02/27/opinion/1582822903_014827.html). Acesso em: 21/12/2020.

PALACIOS, M. 2003. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. In: A. FIDALGO; P. SERRA (org.). *Informação e comunicação online: jornalismo online*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, p. 75-89. Disponível em: [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo\\_serra\\_icol\\_jornalismo\\_online.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_icol_jornalismo_online.pdf). Acesso em 09/09/2020.

PALACIOS, M.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. 2002. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro. In: Seminário da REDECOM, Salvador. Disponível em: [https://facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_mapeamentojol.pdf](https://facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf). Acesso em: 07/12/2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 2020. Consistorio. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <https://dle.rae.es/consistorio?m=form>. Acesso em: 28/12/2020.

SERRA, J. P. 2003. A transmissão da informação e os novos mediadores. In: A. FIDALGO; P. SERRA (org.). *Informação e comunicação online: jornalismo online*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, p. 13-48. Disponível em: [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo\\_serra\\_icol\\_jornalismo\\_online.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_icol_jornalismo_online.pdf). Acesso em: 09/09/2020.

VOLÓCHINOV, V. 2018. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed., São Paulo, Editora 34, 373 p.

VOLÓCHINOV, V. 2019a. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: V. VOLÓCHINOV. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo, Editora 34, p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. 2019b. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: V. VOLÓCHINOV. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo, Editora 34, p. 266-305.

VON MÜNCHOW, P. 2004. Réflexions sur une linguistique de discours comparative : l'ecas du journal télévisé en France et em Allemagne. *Travaux neuchâtelois de linguistique*, 40:47-70.

ZHONG, R.; BUCKLEY, C. 2020. Ritmo de novas infecções pelo coronavírus na China é alarmante, dizem autoridades. *Folha de S.Paulo. Saúde*. São Paulo, 26 jan. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/01/infecoes-pelo-coronavirus-avancam-em-ritmo-alarmante-na-china.shtml>. Acesso em: 21/12/2020.

## **Anexos**

## FOLHA DE S. PAULO

\*\*\*

© QUE A FOLHA PERÇA

### Ducha fria

Coronavírus sacode mercados, mas efeitos econômicos dependem da gravidade do surto



Consumidores usam máscaras contra o coronavírus em supermercado de Pequim - Carlos Garcia/Reuters

2 fev 2020 às 2h00

EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simila/2020/02/02/>)

Os mercados financeiros globais foram abalados nesta semana pelo agravamento do surto envolvendo o

<https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2020/01/infeccoes-pelo-coronavirus-avancam-em-ritmo-alarcante-na-china.shtml>) COVID-19 (<https://www1.folha.uol.com.br/equlibrio/2020/01/infeccoes-pelo-coronavirus-avancam-em-ritmo-alarcante-na-china.shtml>). Seu epicentro é a China, segunda maior economia do mundo e principal fonte de produtos baratos do planeta.

Como ocorre nesses momentos, fundos e grandes especuladores internacionais aproveitaram-se das fortes oscilações nos preços dos ativos para maximizar ganhos e realizar lucros, o que derrubou as principais bolsas de valores.

Ao longo da semana, as oscilações acompanharam em parte o noticiário. Ainda é difícil, contudo, enxergar com clareza os verdadeiros impactos do surto da doença. A partir da China, os casos já se espalharam para cerca de 25 países.

Várias companhias internacionais, de grupos de aviação a montadoras, passando por empresas de tecnologia e de bens de consumo, anunciaram fortes restrições em suas operações na China.

Segundo [uma estimativa](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/coronavirus-se-concentra-em-areas-que-geram-mais-da-metade-do-pib-chines.shtml) (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/coronavirus-se-concentra-em-areas-que-geram-mais-da-metade-do-pib-chines.shtml>), mais de 60% do PIB chinês é gerado nas 12 províncias com o maior número de contágios. Cidades estão bloqueadas e há restrição à circulação de pessoas, o que paralisou muitas fábricas. Já se especula que o surto poderá subtrair um ponto do crescimento chinês neste ano.

As autoridades do país, porém, não devem ficar paradas, e fortes medidas de estímulo são aguardadas.

A eclosão dessa nova ameaça à saúde da economia global é uma ducha de água fria em um cenário um pouco mais positivo que havia surgido, há duas semanas, após o fechamento do tão esperado [acordo comercial entre EUA e China](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/usa-e-china-assinam-fase-1-de-acordo-que-pode-por-fim-a-guerra-comercial.shtml) (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/usa-e-china-assinam-fase-1-de-acordo-que-pode-por-fim-a-guerra-comercial.shtml>).

Razão de muitas preocupações de investidores e empresas ao longo de 2019, o entendimento entre Washington e Pequim havia aberto o caminho para compensar positivamente outros fatores de fragilidade no cenário global.

A China é o maior parceiro do Brasil, mas seria prematuro especular sobre a real influência da epidemia na [corrente comercial de US\\$ 98 bilhões entre os dois países](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/balanca-comercial-registra-superavit-de-us-467-bilhoes-por-resultado-desde-2015.shtml) (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/balanca-comercial-registra-superavit-de-us-467-bilhoes-por-resultado-desde-2015.shtml>) —sobretudo na área de alimentos essenciais à população chinesa.

Em um contexto mais geral, vale lembrar que o Brasil tem participação muito reduzida na economia global: responde por uma fatia de 1,2% de todo o comércio internacional e produz somente 2,5% dos bens e serviços do planeta.

Longe de isso ser positivo, porque mantém o país atrasado em muitos aspectos, o isolamento torna o Brasil relativamente alheio a impactos externos, desde que limitados.

OPINIÓN

EDITORIAL

## Memorial en Madrid

El Gobierno municipal del PP y Ciudadanos excluye los versos de Miguel Hernández

EL PAÍS



Desmontaje de las placas en el cementerio de La Almudena el pasado mes de noviembre. IÑIGO SAIZ

El Ayuntamiento de Madrid, gobernado por el PP y Ciudadanos con el apoyo externo de Vox, ha decidido no incorporar unos versos del poeta Miguel Hernández al memorial del cementerio de la Almudena concebido para honrar a las víctimas de la Guerra Civil y el franquismo. Con este veto, el alcalde, José Luis Martínez-Almeida, y sus socios dan una nueva muestra de ignorancia respecto a la historia y la cultura de este país. Consiguen con ello hurtar a los familiares de las víctimas el justo reconocimiento y, al tiempo, profundizar en la estrategia de confrontación ideológica.

Las diferencias sobre la manera de abordar la memoria histórica se habían evidenciado previamente con la decisión del Consistorio de retirar las placas con los nombres de casi 3.000 fusilados por el franquismo en Madrid entre los años 1939 y 1944. Estas láminas formaban parte de un proyecto diseñado por el anterior equipo municipal, liderado por Manuela Carmena, que fue paralizado poco después de la formación del gobierno del bipartito PP y Ciudadanos con el argumento de que no cumplía las recomendaciones del Comisariado de Memoria Histórica. Esta entidad propuso levantar dos monumentos: uno para cada bando. Una decisión salomónica cuestionada por muchas asociaciones por su connotación guerranvilista.

Submetido: 13/04/2021

Aceito: 22/11/2021